

Vida por escrito, o espaço da margem em *O Escravo*, de Carolina Maria de Jesus

*Life in writing, the margin space in O Escravo, by
Carolina Maria de Jesus*

Rodrigo Felipe Veloso
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)
rodrigof_veloso@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

Somos escravos de tudo que desejamos possuir.
Ninguém é livre neste mundo
(Carolina Maria de Jesus)

JESUS, Carolina Maria de. *O Escravo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

Publicado postumamente em 2023, pela editora Companhia das Letras, *O Escravo* é um livro inédito de Carolina Maria de Jesus, autora reconhecida pela força de sua escrita e pelo impacto social de seus textos. Neste romance, ela explora as complexas dinâmicas das relações interpessoais, sociais e de interesses escusos. Embora menos conhecido do que *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada (1960), este livro reforça a importância de Carolina como uma voz dissonante da literatura afro-brasileira e negro-brasileira, de empolgante verve ficcionista e, além do mais, inaugurando a forma literária experimentada pelo “romance proverbial”, pretendendo, assim, reverter o olhar colonial racista que a considera a “Mãe Preta”.

O Escravo não se passa no período da escravidão no Brasil, por mais que o título apregoa ou faz-nos acionar esse contexto escravocrata-colonial. Pelo contrário, a discussão que se apresenta é sobre a escravidão subjetiva, ou seja, “Carolina cria conexões ontológicas entre estados de liberdade e escravidão humana à cegueira dos desejos rasos de uma ilógica economia” (Carrascosa, 2023, p. 19), bem como narra a história de amor e desilusão entre dois jovens de classes sociais distintas, Roberto e Maria Emília e a *posteriori* de seus descendentes. O romance retrata o universo da “sala de visitas” e seus

contornos, marcado por questões obscuras, ambições desmedidas e expectativas irreais, conforme enuncia Fernanda Silva e Sousa (2023).

A narrativa em questão é marcada pelas relações familiares que seguem seus ditames numa sociedade patriarcal, haja vista que a posição feminina, majoritariamente, nesse contexto é o de realizar o trabalho doméstico e tal tarefa passa-se de geração: “chorava ininterruptamente porque a perda de sua mãe havia transformado o curso de sua vida. Foi obrigada a deixar os estudos para cuidar das crianças. Três irmãos menores. Ela não sabia cozinhar” (Jesus, 2023, p. 31). E continua: “o almoço está pronto papae. A mamãe cozinhava tão bem. Eu vou aprender cozinhar igual a ela” (Jesus, 2023, p. 32).

A imagem construída em torno da menina que forçadamente se assume como mulher tem seu rito de passagem antecipado pós-morte da mãe, o que a faz imaginar uma vida inteira com suas fases passando rapidamente e quando se dá conta disso, a velhice se instala, sendo ela o último estágio de vida. “O relógio badalava as últimas baladas de sete horas. Maria Helena deixou o leito e foi abluir-se. [...] Penteou os seus cabelos notou que já estavam ficando grisalhos. [...] o cabelo branco é o início da velhice”. (Jesus, 2023, p. 31).

O ato de abluir-se surge como um rito de batismo que pelo contato com a água pode se lavar, limpar, tornar-se pura, sem mácula, viver uma nova vida. A água tem o poder da regeneração. O ato de banhar-se nas águas remonta àquilo que Gaston Bachelard (1997) descreve sobre a associação da água com o destino, isto é, um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser. A água é realmente um elemento transitório, é a metamorfose ontológica entre o fogo e a terra. O ser voltado à água é o ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente.

Tendo em vista que no livro *O Escravo* o aspecto cronológico não é demarcadamente apresentável, bem como no texto encontram-se muitas personagens, faz-se necessário descrever por meio de um diagrama a estrutura e caracterização delas, a saber:

Carolina mostra em *O Escravo* uma série de infortúnios que estão relacionados aos personagens, especialmente por parecer uma trama simples, cujo amor se mostra impossível e as consequências disso em torno na vida de todos os envolvidos. Além do mais, embates trazidos no romance criam tensões com relação às questões de gênero, classe social e patriarcado. Com efeito, o leitor caminha junto ao texto refletindo essa complexidade que o olhar da autora capta, isto é, percebe-se, pois o medo e a desconfiança masculina frente aos avanços da mudança social de emancipação feminina.

Elódia Xavier enuncia que o trabalho literário de Carolina “é mal escrito, sim; mas a própria incorreção linguística faz parte de um encontro de opressão e carência e deve ser lida como integrante do mundo marginalizado” (Xavier, 2002). Em consonância a isso, Roberto DaMatta enfatiza da relevância da produção escrita de Carolina para a sociedade, isto é,

esta pobre negra realizou um feito único na sociologia da pobreza mundial: escreveu sobre o seu dia-a-dia, objeto miserável, cru, doente, louco, marginal, revoltante e socialmente doentio. Esse cotidiano capitalista que desde os escritos de Marx, se deseja inutilmente humanizar (DaMatta, 1996).

Vale ressaltar que ao discorrer sobre vida e obra de Carolina Maria de Jesus “tudo causa incômodo em sua escrita; [...]. Mas não foram apenas as palavras que perturbaram, e sim a sua figura que assombrou a tantos literatos, leitores e à sociedade; sua face de mulher decidida, inteligente e questionadora” (Toledo, 2010, p. 4).

O olhar que Carolina possui para as questões sociais e familiares é profundo, haja vista que suas personagens, psicologicamente, retratam de maneira fidedigna os excessos e as faltas no contato com o outro. Um exemplo disso trata-se do diálogo entre Roberto e o seu filho Renato, que discutem sobre a posição austera de Maria Emília: “a nossa vida podia ser tão diferente. Temos tudo, para sermos feliz. Mas, acontece que a força maior está sempre com os insensatos. Aqui quem tem dinheiro é a tua mãe. Porisso ela ha de ser a rainha e nós os suditos” (Jesus, 2023, p. 43).

Renato se mantém frequentemente obediente à mãe Maria Emília e tal posição o deixa cada vez mais angustiado e doente, porque o amor que nutre pela prima Rosa não pode ser vivenciado. Com o passar do tempo, mesmo contra os princípios de sua mãe, ele resolve ficar noivo de Rosa. Renato, durante a organização de suas coisas para ir morar com Rosa, é acometido por uma forte dor de cabeça e desfalece; desse modo, não

consegue ir ao encontro dela, que o esperava sem notícias. Diante disso, sentindo-se abandonada pelo futuro marido, ela se desilude e também fica doente. Joel, com quem manteve um relacionamento, continua ao seu lado, consolando-a e cuidando de sua saúde.

Marina classifica seu casamento com Renato da seguinte forma: “igual um tecido que compramos e ele descora e encolhe está perdido. E o que descora faz mal a vista. E fica inutilizado. [...] Eu penso: ter um filho de Renato. Quem sabe ele passava a estimar-me” (Jesus, 2023, p. 156).

O período de problemas mentais acometidos por Renato continua quando sua mãe, depois de muita insistência, o convence a se casar com Marina. Alguns meses se passam e Renato compreende que Marina tem o mesmo temperamento controlador, dominador de sua mãe e atenta-se para o quanto é infeliz no matrimônio. Com base nisso, ele adoece e seu rendimento nos estudos piora. Renato é informado pelo diretor da faculdade que ele teve um “abalo mental tremendo” e que está “neurótico”, bem como “o seu mal é Moral. Mal da alma” (Jesus, 2023, p. 87).

A mãe de Renato reflete sobre o estado do filho, que se mostra pálido e triste e sua ação dominadora perdia força: “ela não esperava um encontro com a fatalidade. Porque pretendia encontrar-se com a felicidade. Mas o destino desviou-a para outro roteiro, e ela estava conturbada porque não é nada agradável, receber uma chibatada da ironia” (Jesus, 2023, p. 87-88).

O surto de Renato advém da notícia de que o seu “verdadeiro amor” se casará com Joel, formado em medicina, enquanto ele segue longe dos estudos, impedido de se formar como médico devido à saúde mental. Ademais, Rosa engravida de Joel e tal situação deixa Renato ainda mais desvanecido. O seu estado de saúde complica e o diagnóstico é de que ele é acometido de uma neuropira, uma febre de causa nervosa.

Rosa teve duas crianças e o estado de saúde de Renato piora mais uma vez. Posteriormente, ele é internado na casa de saúde. A sua mãe Maria Emília é informada que foi ela a grande responsável pela enfermidade do filho, ao contradizer seus anseios: “– A senhora contrariando seu filho preparou-lhe o pior desastre de sua vida. Enfraquecendo-lhe a mente” (Jesus, 2023, p. 126). O médico do manicômio relata o estado de saúde de Renato: “tristezas acumuladas que convergiram para a loucura” (Jesus, 2023, p. 129).

Por fim, Marina engravida de Renato e ele retoma sua vida ao trabalhar em uma farmácia. Ele está preparando o enxoval do filho que está prestes a nascer e diante da desculpa de ter muito trabalho, acaba não almoçando em casa com a esposa e com a mãe. Ele resolve visitar a tia, jogar xadrez com o tio e presenteia e brinca com os filhos de Rosa. Mesmo com as coisas indo bem, percebe-se triste, pois ainda ama a moça. Ele reflete tal condição dizendo: “somos escravos de tudo que desejamos possuir. Ninguém é livre neste mundo. Há diversas espécies de escravidões. Meu Deus, meu Deus!” (Jesus, 2023, p. 178).

Nesse sentido, o romance *O Escravo*, de Carolina Maria de Jesus, revela o mito do amor materno sendo um instinto de proteção ao filho e ou um comportamento social de manutenção hegemônica e dominação na condução e vida dos herdeiros, no caso das famílias abastadas, como é o caso da “família sagrada” de Maria Emília.

Então, a posição financeira e familiar de Renato é favorável, especialmente porque o coloca em um lugar privilegiado, frequentando espaços requintados e fazendo um curso de elite, como é o caso da medicina; porém, a sua posição social (indivíduo inserido na coletividade e tendo possibilidade de escolha) e psicológica o coloca à margem de todo o processo ritual experimentado, haja vista que ele segue as orientações da mãe e quase nunca seu desejo é respeitado, sentimentos individuais são abalados e as patologias diante desse percalço se tornam latentes.

É interessante observar que dentro do discurso e contexto do patriarcalismo, a mãe é quem tenta proteger e cuidar da filha prometida para que faça um casamento valioso e de interesse; entretanto, no caso da narrativa de Carolina, é o contrário: por ser filho único, é o homem quem se mantém dominado pela mãe e é ela que escolhe com quem ele deverá se casar, causando frustração e infelicidade a Renato, que, mais tarde, adoece. Portanto, há uma inversão de papéis, e o homem é quem se sente frágil e enlouquece pelo amor não vivido, mas intensamente desejado e idealizado.

O tema do amor em *O Escravo*, além de representar um elemento central e de continuidade da vida, significa a parte mais elevada do homem, sua verdadeira riqueza, e, sobretudo, é o sentimento que condiciona o homem a viver sua escravidão diante do outro, uma prisão e enclausuramento por não experimentar esse “amor verdadeiro”, seu ideal maior. Todavia, a escolha de um amor proibido pelo discurso conservador e patriarcal revela-se como uma paixão desmedida e ilimitada, que se encontra em conflito

com a vida. Com isso, a morte surge como a única forma de dar um fim a essa vida de negações e recomeços constantes. A morte eternizava o amor verdadeiro, que não seria substituído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina Maria de Jesus faz um essencial e importante estudo de distintas possibilidades que a palavra escravidão suscita, uma vez que todo homem pode se ver representado nos fatos e histórias narradas em *O Escravo*. Isso acontece porque existe a escravidão do amor, dos desejos, do dinheiro, da hegemonia pelo poder e da imaginação e devaneio devotada pela imagem do outro. Por fim, o romance em estudo atesta e consolida que: “Somos escravos de tudo que desejamos possuir. Ninguém é livre neste mundo. Ha diversas especies de escravidões. (...) Todo homem no mundo é um caçadôr de coleções. Todos procuram algo neste mundo” (Jesus, 2023, p. 178).

O Escravo é um romance impactante, que combina sensibilidade literária e denúncia social. Carolina Maria de Jesus, com sua linguagem direta e emocional, transporta o leitor para uma época de opressão, nesse caso dita “subjativa”, amorosa, mas também de resistência e esperança. O livro é um convite para refletir sobre a história do povo brasileiro, seus ditames e condições inseridos no contexto patriarcal, bem como das marcas deixadas pela “escravidão subjativa”, ao mesmo tempo em que reafirma a força e a resiliência das vozes silenciadas oportunamente por aquelas que lhes são próximas.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CARRASCOSA, Denise. Carolina Maria de Jesus, nossa Preta Mãe, inventa o romance proverbial. In: JESUS, Carolina Maria de. *O Escravo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DAMATTA, Roberto. *Carolina, Carolina, Carolina de Jesus*. São Paulo: Jornal da Tarde, 11 de novembro de 1996.

JESUS, Carolina Maria de. *O Escravo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

SOUSA, Fernanda Silva e. Ninguém é livre na sala de visitas. *In*: JESUS, Carolina Maria de. *O Escravo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

XAVIER, Elódia. *Quarto de despejo*: literatura de testemunho? *In*: ANAIS do VIII Congresso Internacional da ABRALIC. Belo Horizonte, 2002.

Recebido em: 17/03/2025

Aceito em: 17/03/2025

Rodrigo Felipe Veloso: é pós-doutor em Letras: Estudos Literários na UFMG; doutor em Letras: Estudos Literários pela UFJF; docente no departamento de comunicação e letras da Unimontes. Faz parte como membro permanente nos projetos literários sobre as vozes portuguesas, o mito e a construção do imaginário português em Teolinda Gersão e sobre a diáspora e memória na literatura de escritoras judias no Brasil. Vem publicando textos em diversas revistas literárias de renome nacional e tem publicação na Revista Internacional de Crítica Literária Latinoamericana, da Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos.